

Disputa de cargos devora líderes na Constituinte

Bob Fernandes e
Rodolfo Fernandes

Brasília — Em 64 dias de funcionamento da Constituinte, a cada 16 uma liderança foi desautorizada pelos parlamentares, mídia reveladora de que a antropofagia é uma das vocações dessa assembleia. Luiz Henrique, Carlos Santana, José Lourenço e Mário Covas assumiram seus postos de liderança cercados de

expectativas que os prenunciavam como estrategistas de manobras de grande profundidade. Logo nos primeiros embates, trombaram com seus liderados e entre si.

Além deles, um líder de fato, o deputado Ulysses Guimarães, passou da glória ao aparente alhucamento em poucos dias. Seu primeiro adversário na disputa pela presidência da Câmara, deputado Fernando Lyra, sequer decolou. E o senador Fernando Henrique Cardoso medirá a força e o peso de sua liderança sobre o PMDB no Senado na quarta-

feira, disputando o cargo de relator da poderosa Comissão de Sistematização. "A constituinte é como um corcel bravo num rodeio gaúcho. Quem senta, cai" — compara o deputado Antônio Brito. (PMDB-RS).

O último dos líderes que ainda resiste sem grandes escoriações, o senador Mário Covas, começou a experimentar na semana passada o reverso da moeda. Deixou de lado os refletores e envolveu-se num doloroso processo de negociação interna no PMDB, para compor as comi-

sões da Constituinte. Resultado: alguns dos seus cabos eleitorais na disputa com o deputado Luiz Henrique pela liderança do PMDB na Constituinte começam a criticá-lo. É o caso do deputado paulista Del Bosco Amaral (PMDB-SP), que articulou sua eleição junto à bancada do estado. "Nós não nos livramos de um chefe absoluto para cair em outro", queixa-se pelos corredores do Congresso a outros deputados.

"O clima aqui dentro é de permanente rebeldia", revela o deputado Prisco

Viana (PMDB-BA). Esse clima não tem barreiras ideológicas. O deputado Domingos Leonelli (PMDB-BA), um dos expoentes da esquerda na Constituinte, reclama: "O Covas não quer combater o Ulysses. Ele quer ser o Ulysses, principalmente no estilo arbitrário de agir."

O deputado Fernando Lyra (PMDB-PE) passou os meses de dezembro e janeiro desafiando a autoridade de Ulysses Guimarães. Ganhou por esse feito o título de "líder do recesso", pois, quando abriram-se as urnas, no começo da legis-

latura, os votos que teve foram insuficientes para derrotar Ulysses.

O deputado Luiz Henrique avançou um pouco mais — chegou a ganhar uma eleição com três concorrentes. Mas não escapou também do título dado aos líderes derrotados. É o "líder das segundas-feiras", único dia na semana em que a Câmara funciona e ele pode exercer a liderança do PMDB na casa. Perdeu a eleição para Mário Covas porque lhe faltaram justamente os votos dos deputados que, duas semanas antes, o haviam conduzido à liderança.

Na lei da selva, só sobrou Covas

Brasília — O deputado Luiz Henrique sentiu na pele o que é ficar sem cadeira. No jantar com que o Presidente José Sarney homenageou o presidente de Portugal, Mário Soares, no Itamarati, o líder cruzou aflito com dois jornalistas. "Estou procurando uma cadeira, me deixaram em pé", revelou ele. De tanto procurar, acabou jantando com o procurador-geral da República, Sepúlveda Perceira.

O líder do governo, deputado Carlos Santana, sentiu como nenhum outro o que é a antropofagia dentro da Constituinte. Guiado à condição de representante do presidente Sarney no Congresso, não resistiu à primeira votação. Foi o líder que, fato, exerceu por menos tempo a liderança. Para um dos assessores Palácio do Planalto, Santana falhou no primeiro episódio em que precisou atuar. Segundo esse auxiliar, o líder do governo expôs Sarney e os próprios pemedebistas na votação da soberania da Constituinte, quando saiu do plenário para impedir o quorum pedindo que o acompanhassem "os amigos do presidente". Daí para frente, sua atuação não foi mais sentida, até porque outros dois líderes, Mário Covas e José Lourenço, do PFL, uniram-se contra ele.

O senador Mário Covas mostra que, para enfrentar a sede de lideranças da Constituinte, é preciso sobreviver à festa da antropofagia diante das outras lideranças. É a lei da selva. Depois de derrotar Luiz Henrique e ensaiar uma briga com José Lourenço, acabou fazendo um acordo com os pemedebistas para inviabilizar de vez o deputado Carlos Santana. Covas abriu mão do poder do PMDB na Constituinte. Numericamente, o PFL, com 23% dos representantes na Constituinte, teria direito a igual representatividade na Comissão de Sistematização. Covas entregou a Lourenço 27% da comissão. Mas trouxe na bandeja uma vitória: dos oito relatores pemedebistas, só três estão próximos dos moderados (Prisco Viana, Artur da Távola e Almir Gabriel). Os outros são Egidio Ferreira Lima, José Bisol, Severo Gomes, José Richa e José Serra.

O líder José Lourenço aproveitou esse episódio para respirar um pouco diante da bancada do PFL. Ele vinha em queda livre desde o momento em que tentou enfrentar o próprio Covas na composição de mesa da Constituinte e acabou sem munição no meio do tiroteio.

Um parlamentar do PFL chegou a dizer ao chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, sobre Lourenço: "Eu erro num prazo de 60, 120 dias, um ano. Mas um líder errar numa distância de 72 horas é grave. Como é que ele podia dizer que só aceitaria a 1ª vice-presidência ou nada? Essa era uma questão aritmética. Nós podemos ganhar do PMDB em questões ideológicas, nunca em questões aritméticas. Eles têm o dobro".

Lourenço tratou de afastar de centro da Constituinte dois hábeis articuladores do PFL. O deputado Saulo Queiroz foi para a segunda-vice-presidência da Comissão de Organização Eleitoral, e o deputado Jaime Santana foi indicado para a única comissão que não queria, a que tratará da definição do papel dos militares.

A deputada pemedebista Cristina Tavares (PMDB-PE) acha que nenhum líder se sustentou porque foram todos "inventados" e não têm respaldo efetivo em suas bancadas. "Aqui dentro só tem um líder verdadeiro, que é o Covas. Para manter o Severo Gomes como relator da Comissão de Ordem Econômica, ele teve que enfrentar os poderes da República. E ganhou", diz.

Na quarta-feira, Covas enfrentará mais um penoso jogo de interesses, que é a composição final da Comissão de Sistematização. Se ultrapassar a barreira da última disputa por cargos na Constituinte, estará livre do maior fator de desgaste de um líder.